

## RESENHA

---

Silvana Boone

# The ballad of sexual dependency de Nan Goldin

### Resumo

Esta resenha apresenta a exposição *The ballad of sexual dependency*, da artista americana Nan Goldin, realizada no MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York, entre 2016 e 2017, após trinta anos da sua primeira exibição, em 1986. Destaca-se o *slideshow* de cerca de setecentas fotografias produzidas pela artista entre as décadas de 1970 e 1990, que evidenciam a natureza do grupo social ao qual a artista fazia parte.

### Palavras-chave

Nan Goldin. Exposição. Arte contemporânea. Fotografia. Público.

---

### Como citar:

BOONE, Silvana. The ballad of sexual dependency de Nan Goldin. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 23, n. 38, p.1-5, jan.-jun. 2018. **e-ISSN** 2179-8001. **DOI:** <http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.76391>

É possível perceber o impacto de uma exposição no público em geral quando individualmente somos atingidos de forma direta pela obra do artista. A exposição *"The ballad of sexual dependency"*, de Nan Goldin, tem força visual para nos jogar, de forma abrupta, no universo *underground* vivido pela artista e registrado através da fotografia. Apresenta uma vivência de caráter tão profundo que o espectador não consegue evitar a imersão num mundo que não é seu.

Constituída de um *slideshow* com cerca de setecentas fotografias produzidas entre as décadas de 1970 e 1990, ambientados com uma trilha sonora eclética, "A balada da dependência sexual" evidencia a natureza do grupo social ao qual a artista fazia parte. Para além do caráter comemorativo e alusivo à primeira exposição em Nova York, em 1986, trinta anos depois, essa nova exposição reitera a legitimação que o MoMA imprime à artista como um ícone da arte contemporânea, já que detém em seu acervo praticamente todas as imagens presentes na exposição.

A equipe curatorial do MoMA, Klaus Biesenbach, Curador Chefe e Diretor do MoMA; Rajendra Roy, Curadora Chefe do programa de filmes The Celeste Bartos e Lucy Gallun, Curadora assistente do departamento de fotografia, apresentou os slides no seu formato original de 35mm, exibidos em nove projetores sequenciados, mantendo a mesma aura original da exposição apresentada em exposições anteriores. A curadoria construiu o espaço da exposição iniciando com um grande corredor que serviu como uma ambientação histórica ao público, quase uma orientação didática, exibindo algumas das fotografias mais conhecidas e integrantes da apresentação de slides, os catálogos originais, livros editados, folhetos, pôsteres e os cartazes, alguns feitos à mão, das primeiras exposições, incluindo o pôster de Berlim, em 1984.

Considerada como um diário de memórias, a exposição apresenta imagens capturadas entre Boston, cidade de origem de Goldin, Nova York e Berlim, acompanhadas por uma trilha sonora intensa que vai do rock americano da banda *Velvet Underground* à ópera clássica de Maria Callas, o que lhe dá o tom exato da atmosfera carregada das imagens e torna o conjunto expositivo muito mais do que uma exibição de fotos, mas um ato cênico dramático, ou ainda, uma pseudo-tragédia, na qual o amor, o sexo, as drogas, as perdas e a dor dividem o espaço com os protagonistas fotografados.

Nan Goldin produzia as imagens fotográficas do seu cotidiano e do seu entorno ocupando o espaço com seu equipamento fotográfico, que estava longe de ser invisível aos seus fotografados, o que não impedia que ela pudesse registrar tudo sem pedir licença. Da mesma forma, usava um disparador à distância para fazer as fotos em que ela era a protagonista (fig. 1), sozinha ou acompanhada em momentos de intimidade. Muito tempo antes da ideia de selfies ou da avalanche visual causada pelo uso das câmeras de celulares, Goldin pode ser considerada uma *voyeur* às claras, já que o fato de invadir a privacidade dos seus grupos estava contratado de alguma forma e de forma alguma a impedia de registrar os momentos na sua mais verdadeira intensidade.



**Figura 1.** Nan Goldin, *Nan one month after being battered*, 1984. Vista parcial da exposição *The ballad of sexual dependency*, 2016, MoMA. Foto: Silvana Boone

Nan Goldin, ao revelar – literalmente – a realidade cotidiana, faz da balada o seu diário de memórias:

A balada da dependência sexual é o diário que eu deixo as pessoas lerem. Meus diários escritos são privados; eles formam um documento fechado do meu mundo e me permitem a distância para analisá-los. Meu diário visual é público; ele se expande da sua base subjetiva com a contribuição de outras pessoas. Essas fotos podem ser um convite para o meu mundo, mas foram tiradas para que eu pudesse ver as pessoas nelas. Às vezes, eu não sei como me sinto sobre alguém até eu tirar sua foto. Não seleciono pessoas para fotografá-las; eu fotografo diretamente da minha vida. Essas imagens saem dos relacionamentos, não da observação.<sup>1</sup>

1. GOLDIN, 2012, p.6.

Sendo um diário visual, a “balada” registra o comportamento alternativo do seu grupo familiar, mas também o registro do sofrimento que a AIDS provocou, entre a doença e o óbito, vitimando parte dos seus amigos dependentes de drogas e transexuais regidos por uma vida sexualmente desregrada. O álbum público de memórias torna-se o registro de uma realidade trágica, da vida

## Resenha

privada escancarada que vai do amor à morte, no qual o improvisado fotográfico revela o ato final de algumas vidas.

Apesar do caráter realista e quase documental impresso na qualidade estética das fotografias, cabe reiterar que “na obra de Goldin não existe uma intenção documental ou ideológica oculta, não há uma missão neorrealista”<sup>2</sup>, ou seja, a intencionalidade das imagens nos direciona a um pensamento sobre o registro, mas também sobre o papel da fotografia enquanto arte contemporânea:

A balada estava enfrentando radicalmente a teoria e prática dominantes, que viam a fotografia como a parente pobre da pintura. Suas apresentações de slides, além de reafirmar a natureza seriada da fotografia, referiam-se diretamente à intangibilidade do meio, estabelecendo uma associação revolucionária entre esta e a linguagem do cinema.<sup>3</sup>

Pode se dizer que a “balada” de Goldin é uma exposição emblemática no contexto da arte contemporânea se pensarmos que poucas exposições foram reeditadas ao longo da história e, nesse caso, praticamente com o mesmo formato. O MoMA foi um dos primeiros museus no mundo a ter um departamento específico de fotografia<sup>4</sup>, e as imagens fazem parte do grande acervo fotográfico do museu. Segundo Charlotte Cotton, “embora Goldin tenha começado a tirar fotos de seus amigos no início dos anos 70, não foi senão no início da década de 90 que seu trabalho obteve reconhecimento internacional e entrou definitivamente no mercado de arte”<sup>5</sup>. Reapresentar a mesma exposição após trinta anos pode ser pensado como uma estratégia da curadoria para reforçar a importância da artista no contexto contemporâneo, mas deve-se ressaltar que em 1985 a mesma produção já era significativa para os moldes da época.

Destaca-se, na exposição de 2016, a repercussão na imprensa e o livro/catálogo reeditado, lançado em 1986, pela Editora Aperture, de Nova York, relançado em 2012 no formato idêntico e que serve novamente como o catálogo oficial da exposição (fig. 2).

Para o público, a exposição foi uma oportunidade única de perceber a obra de Goldin hoje, da mesma forma que foi concebida há trinta anos, de fazer uma aproximação com o pensamento sobre a fotografia e a arte nos anos 1980 e poder ver de que forma os conceitos da arte contemporânea eram debatidos a partir de uma exposição que ao mesmo

tempo era corajosa, questionadora dos cânones expositivos e um relato visual de vivências da artista.



**Figura 2.** Capa do livro *The ballad of sexual dependency*, Aperture, 2012.  
Foto: Silvana Boone

2. COSTA, 2010, p.7

3. Ibidem, p.9.

4. PERL, 2008.

5. COTTON, 2013, p.138.

Como um espetáculo teatral ou uma ópera *trash*, a balada da dependência sexual de Nan Goldin é uma experiência de forte impacto, uma exposição invasiva aos sentidos – impossível ficar indiferente ao apelo visual e subjetivo das imagens -, algo intenso e dolorido como um soco no estômago.

## INFORMAÇÕES

Exposição *The ballad of sexual dependency* de Nan Goldin

Local: MoMA – Museu de Arte Moderna, Nova York, EUA,

Período: de 11 de junho de 2016 a 16 de abril de 2017.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Guido. *Nan Goldin*. Primeira edição em espanhol. New York: Phaidon, 2010.
- COTTON, Charlotte. *A fotografia como arte contemporânea*. 2a.edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. – (Arte&Fotografia)
- GOLDIN, Nan. *The ballad of sexual dependency*. 2a. Edição. New York: Aperture, 2012.
- PERL, Jed. *New art city: Nova York, capital da arte moderna*. Tradução Vera Pereira, Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

---

## Silvana Boone

Doutora em Artes Visuais/História, Teoria e Crítica (PPGAV-UFRGS), Mestre em Comunicação e Semiótica (PUCSP), Especialista em Artes Visuais (UCS) e Licenciada em Educação Artística(UCS). Professora na Universidade de Caxias do Sul desde 1995, pesquisadora, curadora e crítica de arte.

(\*) Texto submetido em setembro de 2017.